

# A Semântica do mistério em Bartolomeu Campos Queirós

Ana Maria Clark Peres  
FALE/UFMG

A noção dos campos semânticos (ou campos lingüísticos) foi definida por Jost Trier, em seu *Der deutsch Wortschatz im Sinnbezirk des Verstandes* (Heidelberg, 1931), em que estuda o vocabulário alemão sobre o conhecimento no princípio do século XIII<sup>1</sup>. Suas idéias podem ter origem na doutrina lingüística de Humboldt e levam em conta alguns dos princípios estruturalistas de Saussure: a língua deve ser descrita como um todo organizado, um sistema, cujos elementos tiram seu "valor" de seu lugar em relação aos outros. "Trier elaborou a sua concepção dos campos como setores estreitamente entrelaçados do vocabulário, no qual uma esfera particular está dividida, classificada e organizada de tal modo que cada elemento contribui para delimitar os seus vizinhos e é por eles delimitado."<sup>2</sup>

A concepção de Trier marcou muito a Semântica Moderna, mas sofreu, com o passar do tempo, várias críticas. Ao pressupor compartimentos estanques nas línguas, provocou reações, e novas definições de campo semântico surgiram.

Bally (*Français moderne*, 1940) levanta os "campos associativos", que levam em conta o mecanismo de produção das metonímias e metáforas.

Matoré (*La méthode en lexicologie*, 1950) estuda os "campos nocionais", dando relevo aos critérios sociais. "Com o fim de descrever a estrutura social de um determinado período através de seu vocabulário, Matoré introduziu dois conceitos úteis: "palavras-testemunhas" e "palavras-chave".<sup>3</sup>

As "palavras-testemunhas" "correspondem a noções novas que aparecem no seio da coletividade naquele momento particular de sua história".<sup>4</sup> Determinadas "palavras-testemunhas" se destacam, são as "palavras-chave", que comandam as outras e são o centro de um "campo nocional".<sup>5</sup>

"Este conceito de 'palavras-chave' pode prestar serviços úteis na Estilística; Cornelle, por exemplo, tem sido estudado à luz  
*Rev. Est. Língua Port.*, Belo Horizonte, 3: 34-47, 1985.

<sup>1</sup> Apud ULLMANN, Stephen. *Semântica*. 3.ed. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.

<sup>2</sup> Idem, ibidem, p.510-1.

<sup>3</sup> Idem, ibidem, p. 511.

<sup>4</sup> GUIRAUD, Pierre. *A Semântica*. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1972. p. 93.

<sup>5</sup> Idem, ibidem, p. 94.

de meia dúzia de termos cruciais que resumem todos os seus ideais: *'m'éríte, estíme, devóir, vertu, genérosité e gloire.*'<sup>6</sup>

O presente trabalho tem como objetivo fazer um estudo do valor estilístico dos *campos semânticos* na obra de Bartolomeu Campos Queirós, em especial no livro *Ciganos*.<sup>7</sup>

Dentre vários temas caros ao autor (liberdade, transitoriedade, amor etc.), destacamos o do *mistério*. Esta pode ser considerada uma "palavra-chave" na sua obra, abrangendo um vasto campo, em que aparecem, com insistência, idéias ligadas a incerteza, sugestão, indefinição, imprecisão, dúvida, imprevisibilidade, ou seja, tudo que é desconhecido, fugidio e *misterioso*. Ao lado do registro desse *mistério* das coisas, há, sempre, o desejo, a tentativa de desvendá-lo, conhecê-lo, decifrá-lo. Diríamos, assim, que dois grandes pólos infiltram-se em toda a sua obra: o "não saber" e o "querer saber", o imaginar.

Em *O Peixe e o pássaro*<sup>8</sup>, a magia do amor impossível é apenas sugerida: "Vocês percebem que minha estória é de amor. Amor de peixe e de pássaro. Como é o seu início eu *não sei*." E mesmo as soluções do desencontro são frágeis: "Quero construir uma gaiola conjugada com um aquário e deixá-los juntos". "Minha *idéia* me entristece como os compromissos aceitos com antecedência."

Em *Mário*<sup>9</sup>, a própria poesia é um mistério a ser revelado: "Encontrei sua poesia *escondida* entre coisas de que ele gostava: botões de marfim, pedras coloridas, contas de vidro e sementes de frutos".

Em *Pedro, o menino que tinha o coração cheio de domingo*,<sup>10</sup> Pedro, Pierre, Pietro, Peter, Pether (ou) Petrus (indefinição da personagem) tenta pintar borboletas e/ou penetrar no mistério da criação artística: "o papel tinha o tamanho de sua *intenção*. As cores, as de seu *desejo*."

*Onde tem bruxa tem fada*<sup>11</sup> busca resgatar o mágico, o fantasioso, através da esperança:

"— Peçam viagens ao centro das sementes para ver a árvore antes de nascer. Peçam ruas cobertas de música para o caminho ser canção. Ou, quem sabe, livros com folhas brancas para os olhos inventarem as estórias... Peçam passarinho ensinado que dorme na palma da mão... Peçam luz de luar com gosto de suspiro para que se tenha sonho doce..."

A escolha de *Ciganos* para estudo mais detalhado do campo semântico do *mistério* deve-se ao fato de podermos considerar esse livro como uma síntese da obra de Bartolomeu Campos Queirós,

<sup>6</sup> ULLMANN Stephen. *Semântica*. 3.ed. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1964. p. 528.

<sup>7</sup> QUEIRÓS, Bartolomeu Campos. *Ciganos*. 2.ed. Belo Horizonte, Miguilim, 1984.

<sup>8</sup> —, *O Peixe e o pássaro*. 2. ed. Belo Horizonte, Miguilim, 1980.

<sup>9</sup> —, *Mário*. Belo Horizonte, Miguilim, 1982.

<sup>10</sup> —, *Pedro*. 2.ed. Belo Horizonte, Miguilim, 1980.

<sup>11</sup> —, *Onde tem bruxa tem fada*. 3. ed. São Paulo, Moderna, 1982.

na qual se destacam e se condensam suas idéias, o que é, inclusive, explicitado no final da história dos ciganos: “Não faz muito, encontrei este menino. Estava alheio como antes da chegada ou depois da partida dos ciganos. Ele passeava entre *fadadas, conchas, pássaros e domingos*.” Temos aí uma clara alusão a suas outras obras: *Onde tem bruxa tem fada*, *Mário* (de pedras, conchas e sementes), *O peixe e o pássaro*, *Pedro* (o menino que tinha o coração cheio de domingo).

Além disso, podemos notar que o próprio título do livro: *Ciganos*, nos remete a um mundo *misterioso*: pouco sabemos de suas vidas, seus costumes, suas origens e, talvez, por isso mesmo, por temê-los, fazemos uma série de suposições a seu respeito, atribuindo-lhes atitudes negativas (seriam ladrões, desordeiros, marginais). Eles trazem em si, dessa maneira, os dois grandes pólos: “não saber”/“querer saber”. Nada sabemos, ao certo, de suas vidas, eles não se revelam, mas querem revelar nossos destinos.

Mas vejamos o próprio texto do autor:

“Nunca aprendi a leitura das mãos, mas, se as contemplo acertado, sempre pela fantasia.”

“Leitura das mãos” (atribuída aos ciganos) já nos remete à ânsia de revelar o *desconhecido*, o destino de cada um, que estaria escondido na palma da mão.

O “não aprender” situa-se no pólo “não saber”: o autor não sabe revelar o *mistério*; mas, imediatamente, o pólo “querer saber” é instaurado: “acertar pela fantasia”. É a imaginação, a fantasia, a responsável pela possível revelação desse mistério, o que só vem reforçar o próprio *mistério*: ele não será resolvido em termos racionais e lógicos, mas captado ficcionalmente.

“Eles deixaram a Índia, alguns diziam, em busca de um caminho para se chegar ao sol. Escutei de outros que eram filhos das grandes florestas e procuravam uma passagem para as minas de ouro do rei Salomão. Outros falavam que vinham das terras de Espanha ou das areias de Portugal. Cortaram o mar guiados pelo brilho das escamas de sereias, escondidos nas noites.

Sem saber ao certo de onde vinham ou para onde iam, sei que os ciganos surgiam.”

A origem dos ciganos é incerta. E os próprios locais sugeridos intensificam a dúvida. São vários, alguns dos quais desconhecidos e mágicos. A *Índia*, meta dos navegadores antigos, nos traz todo o *mistério* do Oriente. A expressão *grandes florestas* reforça a idéia de desconhecido, trazendo a possibilidade de aventuras e perigos imprevisíveis. “*Terras de Espanha, areias de Portugal*” revelam uma grande e indefinida extensão.

A busca desse estranho povo também é marcada pelo *mistério*: “Caminho para se chegar ao sol” (o distante, o impossível), “passagem para as minas de ouro do rei Salomão” (situam-se no campo da ficção).

O meio utilizado é coerente com o ambiente de fantasia: “guiados pelos *brilhos* das escamas de *sereias*” (seres fantásticos e lendários) “*escondidos nas noites*” (o ambiente noturno reforça o não sabido).

A incerteza (“*Sem saber* ao certo”) é intensificada por pronomes indefinidos: “*alguns* diziam”, “escutei de *outros*”, “*outros* falavam”. Eles se opõem, provisoriamente, à frágil certeza do autor: “*Sei* que os ciganos surgiam”.

Para reforçar o suspense, só no final do trecho eles são identificados. E marcados pela constante mobilidade (“*vinham*”, “*iam*”, “*surgiam*”).

“Foi no tempo dos ciganos que o conheci. Ele era como a *ma*-*drugada*: perto de acordar, mas ainda cheio de sono. Era um menino feito de coragem e medo.

Não sei bem de que paisagem ele havia nascido, nem com que paisagem ele andava sonhando. Mas não eram poucos os seus segredos, e seus olhos, estes eram líquidos como eram medrosos os seus gestos.

Lembro-me, contudo, de seu primeiro segredo: desejo escondido de ler a linha do horizonte e desvendar o mistério que diziam além dos mares e das montanhas.”

Aqui, impõe-se a presença do menino. A sua indefinição é trazida pelas antíteses: “acordar”/“sono”, “coragem”/“medo” e, sobretudo, pelas comparações (revelam a dificuldade em defini-lo).

No pólo “não saber” (“*não sei* bem de que paisagem ele havia nascido) está incluída a idéia do segredo (“*não eram poucos* os seus *segredos*”). E, sempre, o destaque para o “querer saber”: “*desejo escondido de ler a linha* do horizonte e *desvendar o mistério* que *diziam além* dos mares e das montanhas”. (A indeterminação dos sujeitos reforçando o não sabido). Como os ciganos, a tentativa de saber o que está atrás das aparências, a leitura da própria vida.

“Como num sonho, denso e distraído, os ciganos montavam suas tendas em terreno vago, sempre perto do descampado da igreja, enquanto pelas frestas de portas e janelas tantos olhos os vigiavam.

Nascia assim, de repente como a morte, uma vila colorida que se aninhava naquele povoado antigo.

A presença dos ciganos mudava o ritmo de ser da cidade. Portas eram cerradas, roupas não dormiam em varal, nem cavalos soltos nos pastos.

Essa maneira milenar que os ciganos tinham de estar no mundo – nascendo em cada chegada e morrendo em cada partida – incomodava os habitantes da cidade, sempre a perseguirem o eterno.”

Na alternância “menino-ciganos”, que se realiza em todo o livro, voltamos aos ciganos. Chegamos a eles, pelo sonho, “denso e distraído”. Marcados pela liberdade, revestidos de *mistério*, eram espreitados pelos habitantes da cidade, que se escondiam: o “querer saber” (“enquanto pelas *frestas* de portas e janelas tar tos olhos os *vigiavam*”).

As antíteses vida/morte (“*Nascia* assim, de repente como a *morte*”), *ser/estar* (“A presença dos ciganos mudava o ritmo de *ser* da cidade”; “Essa maneira de *estar* no mundo...”) e as comparações continuam. Elas marcam, mais uma vez, a indefinição.

“Adornando a mesa da sala da casa desse menino, havia um caramujo. Feito de um rosa quase branco e brilhante como o vazio, ele tinha a superfície lisa como pedra rolada.

Sempre que os ciganos surgiam, armava no coração do menino a vontade de ter sempre esse caramujo sobre o ouvido. É que ele trazia, enrolado sob sua forma, o barulho das ondas do mar. Mar que existia depois das montanhas, atrás da linha do horizonte, mas que o caramujo mantinha como um recado ou uma saudade, fielmente.”

Voltando a narrativa a focalizar o menino, temos o destaque para o caramujo. Sua definição também é difícil. Realiza-se todo um jogo de aproximações e comparações: “Feito de um rosa quase branco e brilhante *como* o vazio, ele tinha a superfície lisa *como* pedra rolada”. Ele traz, escondido (“enrolado sob sua forma”), o segredo do mar, “mar que existia *depois* das montanhas, *atrás* da linha do horizonte.” *Misterioso*, remete-nos ao pólo “não saber” e, ao mesmo tempo, ao “querer saber”: “Sempre que os ciganos surgiam, armava no coração do menino a *vontade* de ter sempre esse caramujo sobre o ouvido.”

“Durante o dia os ciganos martelavam o cobre, assentados em torno da fogueira, peitos nus, construindo tachos que eram quase de ouro e de tantos tamanhos. Por muitas vezes o sino da igreja se integrava às batidas dos martelos, e desse surpreendente dueto, a cidade, como a poesia, ficava indefinida.

A emoção se misturava: de um lado o recado dos céus e do outro a realidade dos gitanos. Essa dúvida se tornava o sossego da cidade.”

A indefinição, em todos os níveis (tachos “quase de ouro”) surge, principalmente, da contradição: “Por muitas vezes o sino

da igreja se integrava às batidas dos martelos, e, desse *surpreendente* duelo, a cidade, como a poesia, ficava *indefinida*”.

Enquanto o caramujo trazia para o menino o “recado” do mar, os sinos traziam o “recado” dos céus. E, sempre, mesmo através do ruído, o “não saber”: “Essa dúvida se tornava o sossego da cidade”.

“Foi de seu pai que ele herdou essa mania calada, esse jeito escondido e mais a saudade de coisas que ele não conhecia, mas imaginava. Sua vontade de partir veio, porém, do desamor. Tudo em casa já andava ocupado: as cadeiras, as camas, os pratos, os copos. Mesmo o carinho distribuído.

Por seguidas vezes a sua solidão se misturava aos ruídos do chicote do pai, nas costas. E desse surpreendente dueto também ele não sabia a dor maior, se a da carne ou a do coração.”

Percebemos a insistência dos dois pólos: O “não saber”, a dúvida (“mania *calada*”, “jeito *escondido*”, “ele *não sabia* a dor maior”) e o “querer saber” (“a saudade das coisas que ele *não conhecia* mas *imaginava*”, a “*vontade* de partir”). A contradição é reiterada. O “*surpreendente* duelo” do sagrado e do profano (no trecho anterior dos ciganos) é reproduzido aqui: solidão/castigo (“Por seguidas vezes a sua solidão se misturava aos *ruídos* do chicote do pai, nas costas. E desse surpreendente duelo também ele não sabia a dor maior, se a da *carne* ou do *coração*.”).

“E as ciganas de coloridas saias, andando pelas praças, pintavam de luz a cidade. Na cabeça, lenços com barulhos de moedas prendiam parte dos cabelos.

E de rua em rua, de porta em porta, elas se ofereciam para ler o destino que diziam oculto na palma de todas as mãos. Contavam ainda que a mão era uma cartilha que elas aprenderam a decifrar com os egípcios, há muitos e muitos séculos.”

Na tarefa das ciganas, temos a síntese da tentativa de revelar o *mistério* da vida: “elas se ofereciam para ler o destino que diziam oculto na palma de todas as mãos”. “*Decifrar*” a “*cartilha*” da mão seria resolver esse *mistério* antigo.

“Ninguém sabia, nem as sábias ciganas, que morrer cedo era a sorte de sua mãe, mas assim foi. Ela partiu numa madrugada, neste momento frágil em que nem mesmo a natureza se define. Instante onde a verdade e a mentira se equilibram, cuidadosamente.

Lembro-me: isenta de vaidade, incapaz de escolher o colorido de suas definitivas vestes ou as cores de suas flores, trancou sobre o peito as mãos, como que avisando que nada mais poderia ser recolhido.

As ciganas, mesmo do Egito, nem elas poderiam agora adivinhar seu derradeiro percurso.”

A relação “ciganos-menino” intensifica-se. A mãe partiu de madrugada (como os próprios ciganos). “Incapaz de escolher o *colorido* de suas definitivas vestes (...), *trancou* sobre o peito as *mãos*”, ao contrário das ciganas, que, com suas “*coloridas* saias, se ofereciam para ler as *mãos* que a cidade timidamente *oferecia*”.

O *mistério* da morte não é fácil de ser desvendado: “As ciganas, mesmo do Egito, nem elas poderiam agora *adivinhar* seu *derradeiro percurso*”.

E a indefinição, o “não saber” (“ninguém sabia”) surgem, mais uma vez, da contradição: “Ela partiu numa madrugada, neste momento frágil em que nem mesmo a natureza *se define*. Instante onde a *verdade* e a *mentira* se equilibram, cuidadosamente”.

“E nas *mãos* que a cidade timidamente *oferecia*, estas ciganas – tiradoras de sorte – liam futuros cheios de amor e fortuna. Diziam de longas viagens e de terras desconhecidas. Falavam de um rapaz louro ou de uma rapariga morena que completaria a felicidade de cada um. Previam casamentos muito em breve e com muitos filhos. Viam um sinal de pequeno desgosto, mas a vida, esta seria longa e cheia de venturas.”

O “querer saber” o *mistério* do destino invade os habitantes da cidade: “E nas *mãos* que a cidade timidamente *oferecia*”.

A revelação desse *mistério* é feita de indefinições, incertezas, sugestões, oposições, fantasias: “*longas viagens*”, “*terras desconhecidas*”, “*pequeno desgosto*”, “*vida longa e cheia de venturas*.”

“Por tantas vezes ele quis oferecer sua mão às ciganas, mas recusava, explicando para si mesmo que mão de menino não tem leitura, as linhas não são definidas. Seu medo, no entanto, era outro. Ele tinha cisma de as ciganas descobrirem seus sonhos e não confirmarem sua esperança.

Por outros momentos ele ensaiava ler seu destino, olhando as próprias mãos, enquanto sua cabeça fantasiava exflios.

Mas seu primeiro amor foi Lili. Ela era feita de papel, impressa na cartilha, mas que lhe permitia repetir ao avesso: Lili, olhe para mim. Mas também ela continuava de olhar fixo sem o ensinar a decifrar a linha do horizonte ou a descobrir o que imaginava escondido atrás dos mares.”

A vontade de saber do menino (“ele quis *oferecer* sua *mão* às ciganas”) é abafada pelo medo de saber (“Ele tinha cisma de as ciganas *descobrirem* seus *sonhos* e *não confirmarem* sua *esperança*”). A indefinição continua (“*mão* de menino *não tem* *leitura*, as linhas *não são* *definidas*.”).

A fantasia, a imaginação (“sua cabeça fantasiava exflios”) aju-

dam-no na sua tentativa de revelação do não sabido (“ele ensaiava *ler* seu destino”). Mas nem a fantasia do amor (“Seu primeiro amor foi Lili”) resolve o *mistério* que o inquieta: “também ela continuava de olhar fixo sem o *ensinar* a *decifrar* a linha do horizonte ou a *descobrir* o que *imaginava escondido atrás* dos mares”.

No nível sintático, percebemos sempre, com insistência, o uso das adversativas. Elas criam oposições necessárias à não definição dos fatos e sentimentos: “Lili, olhe para mim. *Mas* também ela continuava de olhar fixo.”

“Assim, revelando desejos, confirmando anseios, realizando a fantasia, os ciganos passavam a ser silenciosamente amados. E os seus nomes – Normano, Amália, Nuno, Bonança, Árias, Lourença – passavam a viver secretamente no sonho de todos daquele lugar. Carentes de emoções, tramavam fugas, sonhavam estradas, pensavam ilimitado amor.

Quem sabe fugir para conhecer o mundo de que só se tinha notícia, raramente...”

Enquanto o amor do menino não se realiza, os ciganos passam a ser “silenciosamente amados”.

O campo semântico do *mistério* se mistura ao do amor. Eles são amados porque alimentam as fantasias de cada um (“revelando *desejos*, confirmando *anseios*”), dão respostas às suas dúvidas, respostas que são mais sugestões, sonhos, que realizações. E o campo semântico da liberdade também se alia ao do amor e ao do *mistério*: “carentes de emoção, tramavam *fugas*, sonhavam *estradas*, pensam *ilimitado* amor. Quem sabe *fugir* para *conhecer* o mundo de que só se tinha *notícia*, *raramente*.”

“Com a chegada dos ciganos o medo passava a ser companheiro dos meninos: isto por contarem que cigano roubava criança. E, como ninguém sabia de onde vinham ou para onde iam, as crianças ficariam perdidas para sempre. Seriam levadas para a Índia, passando por terras de Espanha ou areias de Portugal.

E a Índia, a Espanha, o Portugal não cabiam de tão longe em cabeça de menino.”

Na indefinição da vida dos ciganos, o seu fim é confundido com a sua origem. As crianças roubadas “seriam levadas para a *Índia*, passando por *terra de Espanha* ou *areias de Portugal*”. O próprio roubo é uma suposição (“isto por *contarem* que cigano roubava criança”), surgida do *mistério* que os ronda, inquietante para os adultos e, principalmente, para as crianças.

“Nas noites, forte música saía das cabanas e, percorrendo a cidade, invadindo ouvidos, promovia sonhos. Em volta do fogo eles dançavam e mais dançavam.

Entre sons de violinos e guitarras, de suas bocas partia um canto bonito, em língua diferente que mesmo o silêncio quietava para escutar.

Com corações ameaçados todos da cidade dormiam. Em seus sonhos, outros amores, novas fugas, pequenos barcos, grandes mares, nenhum abandono.”

O som é importante em todos os momentos. O próprio canto dos ciganos é *misterioso* (“em língua diferente”) e propicia o amor, a liberdade, a sugestão: “*outros amores, novas fugas, pequenos barcos, grandes mares, nenhum abandono.*” Esse *mistério* (aliado à fantasia) perturba a vida de cada um: “com corações *ameaçados* todos da cidade dormiam.”

“Mas esta raça colorida, que roubava até o sono das crianças, se convertia em esperança para aquele menino contido.

Eu o vi certa manhã, engolindo seu café puro e fugindo rápido de seus cinco irmãos. Então, bem próximo dos ciganos, e lentamente, mastigou sua parte de pão. Adivinhei, naquele dia, outro segredo. Ele comungava a vontade de fazer-se atraído pelos ciganos e ser roubado por eles.

Ah, ser roubado era o mesmo que ser amado. Ele sentia que só roubamos o que nos falta. E ele – como gostaria de ser a ausência, mesmo dos ciganos...”

A possibilidade do sonho ilimitado dos ciganos opõe-se ao menino “*contido*” e é fator da sua aproximação.

A revelação de um *mistério*, na estrutura narrativa (“*Adivinhei, naquele dia, outro segredo*”), é a constatação da carência do menino (“Ah, ser roubado era o mesmo que ser amado”). O amor como fim de uma busca incessante.

“Era o amarelo a cor preferida dos gitanos. Eles amavam o sol, o ouro, o cobre. Enfeitavam-se com ouro nos dedos, nos dentes, nas orelhas, nos braços.

Embaixo das tendas, tapetes vermelhos, estampados com rosas grenás, eram estendidos em cima da terra batida. Sobre eles, assentados em almofadas douradas de cetim, entre copos de vinhos, eles resmungavam confidências que eram comidas pelas chamas da fogueira.

E todo este brilho, luminoso, refletia em suas faces e tingia de força suas expressões.”

O ambiente colorido (amarelo, vermelho) e brilhante serve como pano de fundo para outras pequenas e ininteligíveis revelações (“eles *resmungavam confidências* que eram comidas pelas cha-

mas da fogueira”).

“Para um menino, assim só, os ciganos eram uma espécie de sol que acordava os afetos. E era tanto o amor, que muitas vezes ele duvidava de tudo, pensava ser um cigano, esquecido em porta de família alheia.

Por todo tempo ele velava cada movimento daquele povo transitório e feliz, enquanto, debruçado sobre os joelhos, nos cantos dos cômodos, escutava o barulho antigo das ondas presas no caramujo.

O medo da partida, desavisada, dos ciganos o incomodava. Não ser levado e continuar reparando as nuvens e descobrindo figuras fugazes, seguidamente...”

O pólo “não saber” insiste (“muitas vezes ele *duvidava* de tudo, pensava ser um cigano, *esquecido* em porta de família *alheia*”). E, sempre, o “querer saber” (“ele *velava* cada movimento daquele povo transitório e feliz”). Os ciganos revelando os amores do menino (“os ciganos era uma espécie de sol que acordava os afetos.”).

De novo, a investida no caramujo, a possibilidade de saber, e o medo da eterna procura: “continuar *reparando* as nuvens e *descobrir* figuras *fugazes*, seguidamente...”

“Moldar e polir o cobre, amar o ouro e o sol, era a herança que o pai cigano passava para o filho, enquanto as meninas ouviam das mães os primeiros segredos das mãos.

Mas na hora do crepúsculo, neste momento em que o mundo fica grande demais, esses meninos gitanos, sem receio de febre ou sereno, brincavam em volta das tendas.

Sei que não falavam de prisões, roubos, medos. Deitados, inteiramente aninhados no capim fresco, escolhiam as suas estrelas-guias. Não teciam dúvidas acerca da origem nem intrigas sobre o futuro. Eles eram ali, presentes, nômades, portanto proprietários do mundo por não estabelecerem limites.”

O *mistério*, para os ciganos, não é motivo de angústia. Faz parte de seu próprio destino (“as meninas ouviam das mães os primeiros *segredos* das mãos”).

O crepúsculo (como a madrugada) é realçado pela sua indefinição e força. A liberdade dos meninos ciganos, nesse instante mágico, é a única certeza (“Sei que não falavam de prisões, roubos, medos”), mais forte que as incertezas dos outros: “Não teciam *dúvidas* acerca da origem nem *intrigas* sobre o futuro. A segurança (“inteiramente *aninhados* no campim fresco”) e a posse (“proprietários do mundo”) surgem exatamente da não preocupação com o desconhecido de suas próprias vidas, apesar de quererem revelar as vidas alheias.

“A tarde, quando chegava, e tudo ficava preguiçoso, os vizinhos se reuniam em portas e varandas. Trocavam olhares, desfiavam conversas e suspeitas sobre a ventura dos visitantes. Suspeitavam roubos...

Mas era essa mesma tarde que ameaçava o menino. Seu pai voltaria do trabalho, e ele desconhecia a maneira de como esperá-lo. Se limpo, se alimentado, se escondido no quarto ou no quintal entre sombras. Sua ansiedade era não saber como deveria estar para ser amado.

Sem lugar, meio aflito, o menino tentava, de longe, adivinhar o pai pelo andar, pelo olhar, pela sua voz. Mas tudo era indecifrável, mesmo o nascimento.”

Mas a liberdade dos ciganos incomoda os habitantes da cidade, que procuram saber um pouco mais da vida desses nômades (“trocavam olhares, desfiavam conversas e *suspeitas* sobre a ventura dos visitantes. *Suspeitavam* roubos...”).

Para o menino, o continuado “não saber”: “seu pai voltaria do trabalho, e ele *desconhecia* a maneira de como esperá-lo. Se limpo, se alimentado, se *escondido* no quarto ou no quintal entre *sombras*. Sua ansiedade era *não saber* como deveria estar para ser amado.”

Sempre o “querer saber”, inútil: O menino tentava adivinhar. “Mas tudo era *indecifrável*, mesmo o nascimento”. A adversativa criando a dificuldade da revelação. E o *mistério* da vida, como da morte, insolúvel.

“Pode não ser verdade, mas devem ter sido os ciganos os inventores do circo. Não a arte de se equilibrar no arame, de balançar em trapézio ou de se expor às facas e fogo. Eles devem ter inventado a festa, a cor, a forma do circo. É mais que isto, criaram essa magia e encanto que o circo reserva ainda hoje.

Mas um dia, talvez, se cansaram. Não é da natureza dos ciganos anunciarem com riscos de morte as suas presenças. Seus prazeres, creio, transcendem o olhar e só existem no espaço da fantasia.

Por não se explicarem, os ciganos exigem que nos expliquemos, mesmo involuntariamente.”

As suposições a respeito dos ciganos continuam. A possível invenção do circo estaria ligada ao seu *mistério* (“magia e encanto”), semelhante à fantasia dos ciganos. E o próprio *mistério* é fonte de revelações: “Por *não se explicarem*, os ciganos exigem que *nos expliquemos*, mesmo involuntariamente.”

“Um pensamento feliz invadia, raras vezes, o menino, que passava então a construir histórias. Seria roubado pelos ciganos e o pai partiria para resgatá-lo. Ofereceria recompensa, mesmo pouca, pediria rezas. E como todos os meninos ele voltaria para ca-

sa e se amedrontaria com os ciganos. Adotado, esqueceria o caramujo sobre a mesa, e pelas mãos do pai percorreria a vida e dormiria nas madrugadas. Herdaria o mesmo ofício e como o pai andaria estradas. Cansados repousariam os talheres e viveriam em silencioso afeto.”

A carência do menino se resolve, apenas e raramente, ao nível da fantasia: “passava então a *construir estórias*”. O “querer saber” o *mistério* das coisas seria saciado na medida do amor correspondido: “Adotado esqueceria o *caramujo* sobre a mesa, e pelas *mãos* do pai *percorreria* a vida e *dormiria* nas *madrugadas*.”

“Os ciganos partiam na madrugada. Enamorados da luz, acordavam quando o sol se anunciava na linha do horizonte. Sem mágoas nem embaraços, despertavam a cidade com suas vozes e ruídos de vazilhas. Sem ressentimentos desfaziam a colorida vila com a mesma euforia da chegada.

Sumiam breve, escondidos na poeira vermelha, da única estrada, que se levantava às suas passagens. Entre frestas de portas e janelas tantos olhos os acompanhavam, agora com desalento.

Ninguém sabia para onde iam os ciganos. Se voltavam para o Egito ou se tiveram notícias, pelas cartas do baralho, das minas de ouro do rei Salomão.”

*Misteriosos* como na chegada, os ciganos vão embora, “quando o sol se anunciava na *linha do horizonte*”, incapazes, eles também, de ajudar o menino a decifrar essa mesma linha do horizonte, incapazes de resolverem sua carência.

“*Escondidos na poeira vermelha*”, coloridos, ruidosos e alegres, partem. *Ninguém sabia* para onde iam. “E os habitantes do povoado, agora tristes, não desistem de tentar desvendá-los: “Entre *frestas* de portas e janelas tantos olhos os *acompanhavam*.”

“Os ciganos deixavam a cidade e nem sempre desavisadamente. Enquanto dobravam as lonas, os tapetes, as sedas, empilhavam o cobre, o menino recolhia sua esperança escondido entre roupas nos varais.

No dia seguinte restos de cinza marcariam a presença dos ciganos.

Engolido pelas noites, ele se punha a pensar no caminho daqueles gitanos vindos da Índia, das terras de Espanha e das areias de Portugal. Mas nem eles, capazes de roubos, o desejavam.

Então o silêncio se instalava, frágil e rígido como o vidro.”

Os ciganos partem, e a esperança do menino se desfaz. Enquanto os primeiros recolhem lonas, tapetes, sedas, “o menino *recolhia* sua esperança, *escondido* entre roupas nos varais”. Dispostos a revelar grandes *mistérios*, eles não conseguem revelar amor para o menino: “*Mas* nem eles, capazes de roubos, o desejavam”. Mais uma vez, a comparação, na tentativa de definir os senti-

mentos: “Então o *silêncio* se instalava, frágil e rígido *como* o vidro”.

“Sem saber se haveria regresso, a saída dos ciganos deixava, nos habitantes da cidade, um vazio impossível de ser preenchido com rezas, novenas, paciência. Era como se a alma ficasse, de repente, desabitada.

Contudo, o amor clandestino e suspenso, inaugurado pelos viajantes, era compensado quando os olhos encontravam o terreno vago, ao lado da igreja, aguardando próxima visita, inesperada.”

Os habitantes do povoado também continuam com suas indagações (“*sem saber* se haveria regresso”), e o vazio moral (“um vazio impossível de ser preenchido com rezas, novenas, paciência”) confunde-se com o vazio geográfico (“o terreno vago, ao lado da igreja, *aguardando* próxima visita, inesperada”). O amor. “*clandestino e suspenso*” dos habitantes, à espera de novas emoções.

“Hoje, depois de muitos anos, os ciganos ainda surgem. Chegam sem avisar, armam suas tendas, acendem fogueiras, prometem amores e falam de fortunas.

Não faz muito, encontrei este menino. Estava alheio como antes da chegada ou depois da partida dos ciganos.

Ele passeava entre fadas, conchas, pássaros e domingos. Tentei por outra vez adivinhar seu pensamento. Vi que seu coração já não anda farto de desejos. Como caramujo, enrolado sobre si mesmo, ele imagina viagens a lugares que só existem muito depois das nuvens.”

O *mistério* que envolve os ciganos não termina. Seu caráter nômade, sua origem incerta, suas promessas de revelar o destino são eternos. (Percebemos, ao nível da narrativa, que há uma atualização da cena, adotando-se o tempo presente: “os ciganos ainda *surgem*”.)

O *mistério* que envolve o menino também persiste. Tenta-se desvendá-lo: “*tentei* por outra vez *adivinhar* seu pensamento. Vi que seu coração já não anda *farto de desejos*. Como *caramujo*, *enrolado sobre si mesmo*, ele *imagina viagens a lugares* que só existem muito *depois* das *nuvens*.”

Teria o *mistério* da vida (que os ciganos procuram revelar) cedido lugar, mais uma vez e definitivamente, ao *mistério* da própria morte?

Teria o menino desistido de “querer saber”? Ou teria ele, finalmente, através da fantasia, desvendado passagens e confirmado esperanças?

Quem sabe?

Percebemos, através do estudo do campo semântico do *mistério*, a profunda coerência de *Ciganos*. Não só no plano léxico, mas também no fonético e no sintático, tudo gira em torno de estranhos e misteriosos mundos que precisam ser revelados.

Notamos, por exemplo, no início, a incidência de sibilantes, criando ruídos que reproduziriam a passagem dos ciganos ou mesmo a intervenção mágica das sereias: “Cortaram o mar guiados pelo brilho das escamas de sereias, escondidas nas noites.”

O acúmulo de comparativas, adversativas, alternativas, interrogativas só vem reforçar a idéia de indefinição e incerteza do texto.

O próprio menino e seus pais não têm nome. Tenta-se revelar tudo, e nada se revela integralmente.

Graficamente, a linha que divide (aparentemente) os dois textos (o dos ciganos e o do menino) possibilita várias leituras e reproduz materialmente a linha da mão, a linha do horizonte, ou seja, a linha da vida.

O campo de *mistério*, assim vivenciado, liga-se indissoluvelmente ao da liberdade e ao do amor.

“Não ser amado” relaciona-se a “não ser livre” e corresponde a “não saber”.

“Querer ser amado” é o mesmo que “querer ser livre” e situa-se no mesmo nível de “querer saber”, imaginar:

“Nunca aprendi a leitura das mãos, mas, se as contemplo acertado, sempre pela *fantasia*”.